

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2010

ELOGIO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA EM HEXÂMETROS LATINOS

Paciecidos, VII, 206-249; 481-549

Desde o séc. XII que cada ano em que o dia 25 de Julho, dia do apóstolo São Tiago, calhe a um Domingo, é considerado um Ano Santo de Jubileu para a catedral de Santiago de Compostela. Este ano de 2010 foi, por isso, ‘Xacobeo’ e, mais do que o habitual de todos os anos, acorreram ao santuário galego multidões de peregrinos de toda a Europa.

Se exceptuarmos Roma, nenhum santuário medieval na Europa conheceu tamanha longevidade e vitalidade como centro de peregrinação religiosa. E num aspecto supera a própria Roma, pois ostenta rotas determinadas (o ‘caminho de Santiago’) em que os peregrinos, venham de onde vierem, se reconhecem como ‘caminheiros’ de Santiago. O sucesso do ‘caminho de Santiago’ estende-se aos nossos dias, sobretudo depois da década de 70 do séc. passado em que movimentos pacifistas encontraram nele uma representação do seu ideário. Não será por acaso que o Conselho Europeu declarou o Caminho de Santiago como o Primeiro itinerário cultural europeu, em 1987 e mais tarde, em 1993, ele veio a ser reconhecido pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade.

A peregrinação, prática religiosa com expressões e cambiantes de significado diversos ao longo da história, no caso do cristianismo regista-se desde as suas origens. Recorde-se, a título de exemplo, a peregrinação de Helena, mãe do imperador Constantino, a Jerusalém, em 326, ou o célebre relato da peregrinação de Egéria nos finais do séc. IV. A peregrinação cristã começou por ser aos lugares onde Jesus Cristo tinha vivido, mas estendeu-se depois aos lugares onde estavam as relíquias dos apóstolos, como é o caso de Roma, ou de Compostela.

O fenómeno da peregrinação conheceu especial dimensão durante a Idade Média e, apesar da contestação que lhe foi movida pelos movimentos reformistas, o desenvolvimento da piedade popular garantiu a continuidade a esta e outras práticas da *devotio moderna*, como o culto dos santos, das

reliquias, etc... A *devotio moderna*, com efeito, contribuíra para a renovação do significado espiritual da peregrinação, que, não podendo realizar-se numa viagem geográfica, tomava naquela espiritualidade o significado metafórico da vida espiritual do homem na terra. Exemplo do valor operativo da peregrinação no séc. XVI é o empenho de Inácio de Loyola e dos companheiros em peregrinar à terra Santa, o que não chegaram a concretizar. A importância da imaginação e dos sentidos na prática dos *Exercícios Espirituais*, mostram, por outro lado, o valor da peregrinação ‘interior’. O exercitante é convidado a imaginar e a fazer a ‘composição do lugar’ não só dos espaços onde Jesus Cristo viveu, mas também do ambiente humano que o rodeia de modo a contemplar a sua vida e a conhecê-lo.

Assim sendo, compreende-se perfeitamente por que razão a peregrinação faz parte do tirocínio do jovem membro da Companhia de Jesus.

No poema épico *Paciecidos* (Bartolomeu Pereira, Coimbra, 1640) a que em números anteriores nos referimos e cujos passos aqui temos vindo a traduzir, a narrativa da vida do herói principal, feita em registo autobiográfico analéptico, seguindo as normas do modelo épico homérico-virgiliano, passa também por uma *peregrinatio ad locum sancti Iacobi*. Durante o noviciado em Coimbra, no Colégio de Jesus, Francisco Pacheco peregrinou juntamente com um companheiro até Santiago de Compostela:

Então recebo a ordem de, juntamente com um companheiro, me pôr a caminho por vilas e cidades; levo o alforge de peregrino dependurado e no cajado bem torneado apoio o passo.¹

E, de imediato, o poeta coloca na boca do herói uma digressão que apresenta resumidamente a história do santuário galego (*fanum gallaecum*) e a sua importância na Europa cristã. Tendo em conta os múltiplos objectivos do *Paciecidos*, esta é uma daquelas digressões que exemplificam a aliança entre os seus objectivos edificantes e didácticos.

Nos confins extremos da Galiza ergue-se um grande santuário, sumptuoso graças à beneficência real, e assinalável pelo poder do seu patrono. Os antigos hispanos o edificaram para Santiago, e os seus descendentes o conservam com igual piedade.

¹ Tunc socius comitatus iter, perque oppida et urbes/ ferre uiam iubeor; peregrino pendula collo/ It pera, et tereti baculo uestigia firmo. (VII, 206-209)

A poderosa direita de Afonso o fundou, e Ramiro, regressando de uma grande vitória sobre os Mouros, lhe trouxe e consagrou como voto imortal os bens alcançados, o ouro e espólios do triunfo, o orgulhoso inimigo, as armas e os estandartes vencidos.

Os reis que se seguiram—dizem— rivalizaram para erguer aos céus este santuário e enriqueceram-no com largo património. Diante dos altares que lhes estão consagrados, pendem das elevadas molduras do tecto trezentas chamas em lâmpadas de prata que as cordas a custo conseguem suportar. As torres, enormes, a custo comportam os sinos, que jazem no chão pois, quando tocados, levavam muitas vezes à loucura, provocavam partos antes do tempo e faziam ruir mesmo edifícios robustos.

Aqui acorrem as cidades da Lysia, aqui as multidões da raça dos Iberos, Aqui todos os da Gália, e os da Flandres, famosa pelo canto, os povos da Itália, os dois braços do Reno aqui vêm e cumulam de dons os altares sagrados.

Diz-se até que, aqueles que em vida não vieram suplicantes a este templo, depois da hora das sombras da morte, aqui hão-de vir oferecer os seus dons aos santos bem-aventurados, percorrendo a via láctea que nas suas estrelas resplandece na noite serena e traça no céu um longo caminho.

Sob o templo estende-se uma vasta galeria encerrada em sombras, secreta morada onde se diz que estão guardadas num sepulcro as preciosas relíquias de São Tiago.

A nenhum homem é permitido transpor a sua entrada sagrada, nem visitar ou percorrer os seus caminhos. Apenas, de longe, suplicam as suas graças, cobrem de beijos o limiar e regressam a suas casas com figuras de Santiago nos chapéus, o bastão ao ombro e, a enfeitá-los, as conchas reluzentes.²

² Est fanum extremis Gallaecum in finibus ingens/ regnatum donis opulentum, et numine diui/ conspicuum; ueteres illud posuere Jacobo/ Hispani; seruantque aequa pietate minores./ Hoc primum Alfonsi dextra imperiosa locauit,/ atque inde ingenti Maurorum e caede Ramirus/ adueniens, auroque auctus spoliisque triumpho/ dona ferens, templo uotum immortale, superbos/ atque hostes, captosque enses, et signa dicauit./ Inde poli ut ferrent superos delubra sub axes,/ conspirasse alios reges, et

No caminho para Santiago, a partir de Coimbra, onde fazia o noviciado, Francisco Pacheco e o seu companheiro passam por Ponte de Lima, terra natal do herói do poema. Esta passagem proporciona um encontro com um jovem caçador que era ainda seu parente e que o põe ao corrente dos trágicos acontecimentos que atingiram a sua família. O episódio, que se estende por 232 hexâmetros, relata uma desavença familiar, a morte do pai de Pacheco, o auxílio prestado à família pelo tio, e a transição para o plano narrativo da peregrinação faz-se com uma reflexão do herói e uma cena de pacificação. Os três jovens acabam por salvar dos cães caçadores uma corça com as suas crias.

A seguir a este episódio, a narrativa analéptica prossegue com a peregrinação que se encontra já na sua meta. Os peregrinos chegam à cidade no dia da festa de Santiago e Francisco Pacheco descreve, desde a grandiosidade da catedral à magnificência da liturgia, passando pela riqueza da música dos festejos. Concede ainda alguns versos à oração que os companheiros fizeram e à consolação espiritual experimentada pelos peregrinos. O passo conclui o Canto VII com as palavras que Francisco Pacheco dirige a Galiza e ao seu santuário, eivadas de sentido místico.

Assim que terminou a nossa conversa com este jovem,
logo prosseguimos viagem, e eis que Compostela, sublime na
sua mole soberba, na catedral e nas elevadas muralhas, nos

*munere largo/ ditauisse ferunt. Horum de nomine sacras/ ante aras, tercentum ignes
laquearibus altis / argento inclusi, pendent; uix lampada funes/ sustentare queunt;
magnae uix cymbala turres/ accipiunt; decisa iacent, nam pulsa cerebro/ saepe dabant
furias, conceptis foetibus ortus/ ante diem, domibusque graues traxere ruinas. /Huc
Lysisae properant urbes, huc gentis Iberae/ turbae adeunt , Gallique omnes, et
Flandria cantu/ insignis, populique Itali, Rhenusque bicornis/ confluit, et donis altaria
sacra frequentant./ Namque ferunt, uiui qui non haec templa petentes/ inuisunt, post
fata illuc et funeris umbras/ uenturos, munusque istud praestare beatis/ lacte uiam
stellisque albam, quae nocte serena/ fulgurat, et longo designat tramite caelum./
Ingens sub templo fornix, et claustra per umbras/ Magna iacent, caecaeque domus,
queis magna Iacobi/ ossa sepulcrali fama est in sede latere. / Nulli fas hominum
sacratum insistere limen; / est uidisse nefas, nec eundi peruius usus;/ e longe ueniam
exorant, atque oscula figunt/ liminibus; redeuntque domos, uariasque galeris/ Iacobi
effigies addunt, humerosque bacillis/circumdant, conchisque super fulgentibus ornant.
(VII, 209-244)*

ostenta o cume cercado de torres e nos concede, propícia, a meta suprema e o fim dos trabalhos do caminho percorrido.

Foi no dia solene que Roma designou e consagrou especialmente a São Tiago todos os anos. Quando chegámos à praça e foi possível alcançar a entrada, já o bispo insigne, com o báculo e a mitra, de vestes venerandas, presidia à liturgia. Rodeavam-no sete cónegos com as tiaras púrpuras e uma multidão de mais de cem que serviam o altar e cantavam na sagrada catedral. Todos eles, carregados de ouro e pedras preciosas, ornados nas suas vestes, uns seguravam alfaias e as maças de prata, outros queimavam incenso. Mil chamas perfumam os altares e as alfaias sagradas, e ressoam mil cânticos pelas naves imensas; responde-lhes o órgão em aplauso festivo. Replicam as cítaras, o bronze redobra os seus sons em cadência, os tambores juntam alegre ressoada e, do alto das torres respondem finalmente os sinos.

Entretanto, nós, vamo-nos ajoelhando por diversos sítios do grande santuário, suplicando auxílio, e invocamos com as nossas preces o guia dos Hispanos, Tiago, o guerreiro, para que nos conceda, miseráveis, a arma na luta contra os vícios, para que aos seus dê o escudo fiel e o elmo, e forneça a espada fulminante, e para que os corações inteiramente comunguem com Santiago.

O triunfo que outrora concedeu aos Hispanos, vencido Maomé, nos conceda agora contra o rei dos Infernos, acumule os nossos troféus e conceda a vitória às nossas lutas.

E com esta oração experimentamos divinos sentimentos, um coração acalentado pelo céu e, pouco a pouco, a graça de Deus. É impossível dizer tudo o que ali nos foi revelado.

Vós, que habitais o céu, apenas vós podeis contar as consolações de alma que as relíquias e os divinos restos mortais de Santiago inspiram na alma dos que aqui vêm e as chamas com que lhes aquecem o peito.³

³ *Tun iuuenem extremum affati, contendimus ultro/ Ire uiam, donec se Compostella superbis/ molibus elatam, temploque et moenibus altis / turrigerum caput ostendit, metamque supremum/ laeta dedit, ceptosque uiae finire labores./ Illa dies solemnus erat quam Roma quotannis/ Iacobo sacram dixit, propriamque*

E ao despedir-se da cidade dirige à Galiza palavras de louvor. Os tópicos habituais do louvor da terra pela sua fertilidade, abundância de bens ou os heróis que a ilustraram, servem aqui para ceder a primazia da glória da Galiza a um motivo que o poeta quer afirmar superior. A posse das relíquias do apóstolo é razão muito maior para que glorifique a Galiza.

Ó Galiza, terra mais que todas bem-aventurada, não porque os hispanos têm em ti nobres antepassados, nascidos do teu sangue, não porque tens uma terra fértil, ou pela riqueza dos teus campos, nem porque o rio com as suas águas calmas e os seus peixes te rodeia e reconhece como Rainha. São dons magníficos, certamente, mas quanto mais não se eleva a tua glória porque Tiago, tendo vivido nos templos de Jerusalém, na soberba fortaleza da nobre Sião, e em Roma, o que há de mais magnífico no mundo, entre todas as terras apenas a ti escolheu para morada, te concedeu a glória do seu sepulcro e, para sempre, te acrescenta novas honras.⁴

dicauit./Dumque forum, templique aditus et claustra subimus/ iam baculo insignis, mitraque et ueste uerendus/ antistes sacro adstabat, septemque tiaris/ purpurei circum patres, et maxima centum/turba ministrantum, sacraque in sede canentum/ cuncti auro gemmisque graues, pallaque decori / ingens argentum manibus, clauasque tenebant./ Thura alii incendunt, arasque et sacra uaporant/ mille ignes; et mille sonant per grandia cautus/ atria ; festiuo responsant organa plausu./ Ingeminant citharae , sonitus curuatur ahenus/ ad numerum, laetos dant tympana pulsa boatus./ extremumque altis respondent turribus aera./ Nos tamen interea delubra ingentia circum/ submissi imploramus opem, precibusque ciemus/ ductorem Hispanum, bellatoremque Iacobum/ det miseris hastam uitiorum in bella, fidelem/ det clypeum galeamque suis, enseque ministret/ fulmineum, totumque inspirent corda Iacobum; / quosque olim Hispanis uicto et Mahomete triumphos/ hos nobis Stygio det tandem e rege trophaea/ accumulēt, palmasque ferat melioribus ausis./ Haec prece diuinos haustus, afflataque caelo/ pectora, et aethereos sensim sub corde fauores/ experti; nec cuncta licet monstrata profari./ Vos, o caelicolae , solum numerare potestis./ quas ibi reliquiae , diuinique ossa Iacobi/ inspirare animis uenientum , atque addere menti/ delicias, quantasque solent incendere flammis./

⁴ O felix una ante alias, Gallaecia terras,/ non equidem , antiquos ad te quod sanguinis ortus/ Hispani referant proceres, seu diuitis arui/ pingue solum teneas, uel quod te piscibus aequor/ reginam agnoscens placidis circumfluat undis./ Magna quidem haec, surgit maior sed gloria, maior/quod te Iacobus terris magis omnibus unam/ posthabitis Solymae templis, claraeque Sionis/ arce superbifica, Romaque, et

Lançando o leitor numa espécie de visão onírica, o poeta associa a magnificência da escadaria da catedral e o valor espiritual que ela simboliza, à escada que o patriarca Jacob viu em sonhos. Quando, a caminho de Haram, Jacob pernitoou num lugar chamado Luz, tomando para travesseiro uma pedra, teve um sonho em que viu uma escada que unia o céu e a terra, por onde subiam e desciam os anjos. No cimo da escada estava Deus que lhe falou. Quando despertou, Jacob pegou na pedra que lhe serviu de travesseiro, ergueu-a como monumento e derramou óleo sobre ela, consagrando aquele lugar, que se chamava Luz, com o nome de Betel. As palavras que o poeta coloca na boca do herói resultam provavelmente de uma associação, evidente no texto latino, entre o nome do patriarca Jacob e o de Tiago (*Jacobus*), mas talvez resultem também de alguma representação do Patriarca no relevo da fachada, o que não conseguimos averiguar. Em todo o caso, não podemos esquecer que a fachada que Francisco Pacheco ou Bartolomeu Pereira terão conhecido, não era ainda a da grandiosidade barroca que hoje lhe conhecemos.⁵

A escadaria, por sinédoque a catedral, é espaço privilegiado de ligação entre Deus e os homens, como o exprimem os últimos versos do canto VII.

Aqui, nesta antiga pedra, há muito dorme uma longa noite o filho de Isaac, e a formosa mansão do céu revela aquela escada que durante a noite Jacob contemplou, sobre uma pedra fria, entre as sarças agrestes, onde lhe foi possível deitar-se. Se aquela máquina pôde sustentar o leve exército de anjos que a subiam e desciam, não suportou os passos do Rei dos Céus; é do cimo desta elevada escadaria onde permanece, que ele vela pelo género humano. Esta escada, Deus e os homens a sobem, ela une ao céu a terra e a raça humana. É realmente sagrado este lugar! É a própria porta resplandecente do céu, a casa de Deus, a pedra onde (Jacob) derramou óleo. Pela presença de Deus, esta pedra se transforma em suave caminho para os céus.

quidquid in orbe/ est magnum , incoluit, celebremque hac sede sepulcri/ esse dedit, semperque nouos acquirit honores. (VII, 519-529)

⁵ À catedral românico-gótica foi acrescentada por Fernando de Casas em 1738 a fachada barroca, apontada como um dos exemplos inspiradores das chamadas ‘fachadas de retábulo’. Cfr. Sutton, Ian, *História da Arquitectura no Ocidente*, Verbo, 2004, 221-222.

Assim falei eu, primeiro, e depois o meu companheiro, com palavras sentidas, acrescenta muitas outras coisas, louvando a cidade e a catedral. Finalmente, cumpridas as nossas devoções diante do altar do Santo, voltamos para os melodiosos salgueiros nas margens do Mondego e tomamos o caminho até aos campos e à cidade de Hércules.⁶

E com estes versos termina o canto VII e se estabelece de novo a ligação com a narrativa analéptica em que Francisco Pacheco retoma os anos de estudo em Coimbra.⁷ O passo, além de se inscrever no conjunto de elogios de cidades que enriquecem o longo poema dotando-o com diversidade e *uariatio* de motivos, justifica-se coerentemente com a narrativa autobiográfica do herói e, pela natureza predominantemente espiritual dos motivos nele tratados, serve com eficácia o tema central do poema: a celebração do martírio. Com efeito, trata-se da narrativa de uma experiência espiritual do jovem herói épico em peregrinação ao túmulo do primeiro dos apóstolos que sofreu o martírio. Logo de seguida, no canto VIII, depois de numa dúzia de versos resumir quatro anos de estudo, Francisco Pacheco lança-se numa descrição desenvolvida daquilo que foi para ele conceber o sonho e o desejo cada vez mais intenso de partir para o Oriente, onde viria a morrer mártir.

CARLOTA MIRANDA URBANO

⁶ Hic saxo Isacides longa iam nocte uetusto/ obdormit, scalamque poli tecta aurea reddunt/ cui nunquam, media uidit quam nocte Iacobus/ Rupe super gelida, atque horrentibus undique dumis/ ante licet posuisse; leues ea machina caeli/ descendunt acies, ascenduntque tueri/ si ualui, numquam superi uestigia Regis/ sustinuit; scalae accliuus de culmine summo/ constitit, opperens humanae examina gentis./ Hanc Deus, hanc homines subeunt; haec iungit Olympo/ terrasque humanumque genus; uere locus iste/ terribilis; non ille aliud, nisi candida caeli/ porta, domusque Dei, lapides, perfusaque Lusae/ saxa óleo; praesente Deo, uia mollis ad astra/ fit saxum. (VII, 530-549)

⁷ Neste e noutros passos designada como ‘cidade de Hércules’. Os humanistas identificavam Coimbra com a zona do extremo ocidente dominada por Gerião (cujo gado Hércules devia reunir para cumprir um dos seus trabalhos).